

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



IGNIS-PORTO

ASSINAURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 8\$00
COLONIAS 13\$00
ESTRANGEIRO 28\$00
Numero avulso—3\$00
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES e LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

2.º ano

Pôrto, 15 de Março de 1930

N.º 30

FRANCISCO D'AURIA

Vimos hoje novamente prestar sincerissima homenagem, ainda que singela, a um brasileiro illustre, cujos reaes merecimentos elevaram muito alto o seu nome, no vastissimo campo da alta Contabilidade, adentro e fóra das fronteiras do seu País:

Francisco d'Auria.

Tendo concluido, com invulgar brilhantismo no ano de 1906, o seu curso superior na antiga Escola de Comércio de S. Paulo, (hoje «Escola Alvares Penteado»), onde obteve o premio de uma medalha de ouro, foi trabalhar como profissional de escritório junto de importantes estabelecimentos commerciaes e fabris, em que deixou bem assinalados os seus méritos de guarda livros competentissimo.

O amor ao trabalho, aliado a uma intelligencia lucidissima já largamente demonstrada na maleabilidade do seu talento, fe-lo ascender ás mais altas posições na burocracia e professorado brasileiros.

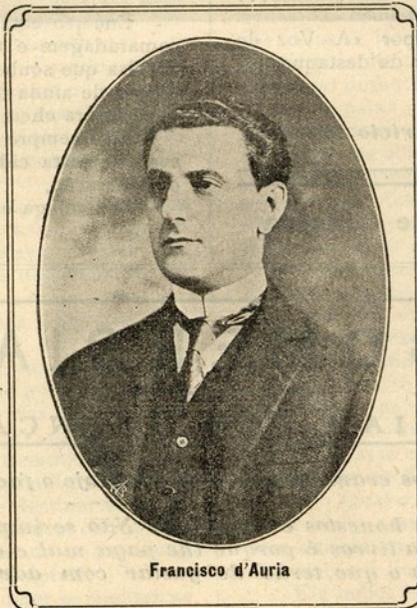
Assim ingressou no Tesouro do Estado de S. Paulo, mediante concurso, tendo rapidamente subido até ao lugar de Chefe de Contabilidade, em substituição do mestre eminente da Sciencia das Contas, que se chamou Carlos de Carvalho, de quem foi auxiliar competente e valiosissimo.

Foi igualmente lente catedratico da Escola Alvares Penteado, onde regeu com notavel proficiencia a cadeira de Contabilidade Mercantil, Industrial, Bancaria e Publica, e ao mesmo tempo occupou o lugar de professor de Contabilidade Geral e de Matemática Commercial e Financeira, no Instituto Médio «Dante Ali-

ghieri» de S. Paulo, desde o ano de 1917 ao de 1922.

Presentemente exerce o lugar de professor de Contabilidade Bancaria e de Matemática Financeira, no curso do Instituto Brasileiro de Contabilidade

Publicista fecundo e de incontestavel valor, exclusivamente de



Francisco d'Auria

trabalhos de carácter técnico, o prof. Francisco d'Auria tem ligado o seu valioso nome a obras de grande folego, que figuram principalmente na sua Pátria, em todas as estantes dos que se dedicam á contabilidade, desde o simples estudante até ao mais experimentado profissional, pois elas são não só de

caracter didáctico, mas tambem de consulta.

O seu «Curso de Contabilidade» em 10 volumes, é um trabalho de indiscutivel valor, não enxertado de rebentos alheios, nem tão pouco de matérias concernentes a outras sciencias. A sua exposição é clara, os argumentos sucedem-se, sem deixar dúvidas a resolver; desde as suas primeiras páginas imprime no espirito do leitor as noções verdadeiras dos principios, em que assenta a matéria, fazendo comprehender o indefinido das *contas geraes*, o que para nós é tudo numa arte, cujo mecanismo depende mais do engenho profissional, que dos pontes teóricos a definir e inocular.

Com referencia ás suas idéas scientificas, devemos dizer, que êle é um partidário acérrimo das doutrinas dos grandes mestres Giuseppe Cerboni e Fabio Besta, afastado por completo dos que sustentam a tese da prática e do empirismo na contabilidade.

Batalhador indefesso no seio da sua classe, tem dedicado o melhor dos seus esforços, quer á fundação de institutos e associações profissionais, quer á defeza dos seus direitos e interesses.

Fervoroso propugnador da organização profissional, elaborou o projecto dos estatutos do «Registro Geral dos Contabilistas do Brazil», mais tarde ampliados, com a plena aprovação dos que de várias cidades da República, compareceram á grande solenidade realisada em 25 de Abril de 1926, na cidade de S. Paulo.

Esse projecto foi apresentado pelo seu auctor em 27 de Dezem-

bro de 1925, na capital paulistana, quando da significativa homenagem, que o Instituto Paulista de Contabilidade lhe prestou, e em que confraternisaram todos os contabilistas daquela importantissima cidade brasileira.

O prof. Francisco d'Auria ocupa o elevado logar de secretário do Supremo Conselho dos Contabilistas Brasileiros, de nove membros perpetuos, com jurisdição em todo o

Brazil, podendo eleger dentre os seus componentes, tambem perpetuamente, o Presidente e o Secretário, os quaes administram e representam a Classe, activa e passivamente, perante qualquer auctoridade publica e perante quaesquer empresas ou colectividades, nacionaes ou estrangeiras.

«A Voz do Comercio», arquivando gostosamente nas suas colunas estes leves apontamentos, que de

forma alguma se propõem a desempenhar o papel de traços biograficos, cumprimenta respeitosamente o eminente contabilista, que á força de estudo e tenacidade, chegou lutando, sem nunca cansar, sem nunca transigir, ás cumeadas do mundo scientifico da riquissima e florescente républica sul-americana, nossa irmã.

F. G.

REFERENCIAS ESPONTANEAS

QUE AGRADECEMOS MUITO RECONHECIDOS

Regoa, 7 de Agosto de 1929.

Ex.^{mo} Snr. Director de «A Voz do Comercio».

Outrosim informo que desejo continuar a ser assinante, em vista do vosso jornal já me ter servido utilmente em certos casos com as suas instruções, sendo apenas de lamentar que os interessados e o proprio comercio o não ajudem, afim de que empresa tão util possa alcançar o grau de prosperidade necessario. No estrangeiro qualquer jornalzinho de classe ou de uma especialidade tecnica tem abundantes assinantes e anuncios, o que lhe permite viver desafogado e dar mais paginas de leitura. Em Portugal, onde deve haver centos de guarda-livros, é o que se vê... A unica revista da especialidade queixa-se de dificuldades... de colaboração!

Afirmando a minha simpatia por «A Voz do Comercio» e desejando-lhe o logar de destaque que bem merece, subscrevo-me de V.

Mauricio Niza.

Visado pela Comissão de Censura

S. Cristovão-Sinfães, 7 de Novembro de 1929.

Ex.^{mo} Snr. Antonio Martins da Fonseca.

Portugal carecia de ha muito dum joanal deste genero. A sua falta até era uma vergonha para o nosso país.

«A Voz do comercio» merece, pois, de todos nós, muita protecção e carinho e V. e seus companheiros de Redacção os maiores elogios pela iniciativa que tomaram.

Creia-me com a mais subida consideração,

De V.

Antonio da Silva Botelho.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1930.

Ex.^{mo} Snr. Antonio Martins da Fonseca.

Encerro esta com um apertado abraço de boa camaradagem e vivamente satisfeito pela orientação concisa que soube imprimir a «Voz do Comercio», que apesar de ainda debil, vê abrir-se num futuro próximo, uma aurora cheia de prosperidades.

Fico sempre ao seu dispôr em tudo que lhe possa ser util nesta cidade e subscrevo-me com a maxima consideração,

Seu colega e amigo.

José Farnhouse.

AOS COMERCIANTES

LEIAM COM ATENÇÃO

Antigamente os negocios eram função de sorte. Hoje o factor sorte é muito pouco para se poder triunfar na vida.

Procurem contabilistas honestos e sabedores. Não se importem de lhes pagar bem.

Quem tem mau guarda-livros é porque lhe paga mal e o não escolheu.

Dêem aos guarda-livros o que terão de gastar com advogados, escrivães e solicitadores.

Aos guarda-livros compete zelar a vossa honorabilidade, aconselhar-vos e livrar-vos, por vezes, da falencia e da ruina.

A «Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal» indica por obsequio guarda-livros de confiança.

«A Voz do Comercio» igualmente, a respeito de empregados no comercio, de quaesquer categorias.

SECCÃO TÉCNICA

BANCOS COLONIAES

QUESTÕES ORGANICAS

Criticar é facil; difficil é o fazer. Eis uma verdade incontestavel que por axiomatica não carecê de demonstração.

Até agora temos vindo a fazer a critica do que lá por fora se escreve e se pensa sobre organização bancaria e, digamos, discordando nalguns pontos dos neologismos que se procura introduzir na organica dos Bancos.

Se continuamos nesse papel de critica, se á margem dela não apontamos as formulas de organização que julgamos mais consentaneas com as exigencias das operações bancarias, que teem por lema rapidez e justeza, os leitores desinteressam-se porque não lhe apontamos ideias novas, praticas e nascidas da experiencia, acompanhada de estudo.

Vamos, por isso, entrar no campo construtivo.

Ora, frisemos bem que o caso especial dos bancos coloniaes não pode reger-se pelos mesmos principios porque se rege a organica funcional dos bancos metropolitanos.

Ha entre as duas especies de bancos uma differença capital e tão grande que sempre se esquecem as caracteristicas proprias dos bancos coloniaes para se lhes dar uma organização feita pelos moldes dos bancos metropolitanos, os resultados são funestos.

Por outro lado não esqueçamos que sendo os bancos coloniaes, por vezes, bancos emissores tambem, como tal teem novas caracteristicas, resultantes do beneficio que o poder emissor representa e das obrigações que contraem com o Estado em troca da concessão desse poder.

Postas estas considerações iniciaes, comecemos por imaginar que em determinada colonia ou grupo de colonias portuguezas, se desejava montar um Banco. A primeira coisa a fazer é a determinação do quantitativo de capital em face do raio de acção que deseja ter e da natureza das operações a que pretende dedicar-se.

De facto, um banco pode só ter em vista as transações com o comercio facultando-lhe o credito de que este necessita para a multiplicação das suas transações; pode, tambem, financiar empresas industriaes em geral, ou apenas em relação a determinada industria; pode destinar-se a auxiliar a agricultura ou determinados ramos da agricultura; pode destinar-se ao desconto sómente ou cumulativamente com outras operações; pode, por fim, obter do Estado a concessão exclusiva, ou não, para a emissão de notas.

Se o banco que imaginamos querer-se montar se destina tão sómente ás operações com o comercio precisa calcular:

1.º Qual a movimentação de capitales a fazer na area territorial da sua acção. Digamos por outra forma: precisa de calcular qual o montante das transações de compra e venda efectuadas entre os comerciantes da sua area, para a determinação das necessidades da caixa perante o giro normal. Os factores que interveem nesse calculo são o valor da produção e epocas desta; o valor das exportações e o das importações. Estes

dois ultimos valores apenas entram neste calculo como indice das necessidades do comercio para aquisição da produção e como indicação do numerario que as vendas ao consumidor podem produzir. Neste primeiro calculo deverá ter-se em linha de conta o prazo usual das transações entre comerciantes, 30 dias, 60 dias, 90 dias, até 6 mezes. E isso porque se o prazo medio das transações é, suponhamos de 90 dias, teoricamente, um banco pode empregar quatro vezes no ano o seu capital; isto é, se o seu capital fôr de 10.000 contos ele poderá considerá-lo como empregado em operações correspondentes a 40.000 contos durante o ano.

Praticamente não é bem assim, porquanto ha que contar com as reformas de letras e renovação de creditos ou a sua prorogação; ha que contar com os compromissos não saldados nos vencimentos; etc. etc. Mas, por outro lado, teremos a contrapartida dos depositos, da movimentação por cheques, etc. etc.

Tambem na pratica diz-nos a experiencia que ha epocas em que as provisões de caixa se esgotam rapidamente sem que lhe correspondam entradas que equilibrem o movimento. Alem de outras causas de menor importancia, isso acontece sempre nas proximidades das colheitas quando os comerciantes procuram por todas as formas realizar numerario para efetuarem as compras diréttas ao produtor. Ha, então, um lapso de tempo durante o qual as quantidades de numerario saídas de caixa são muito maiores do que as entradas; pode marcar-se esse periodo pelo tempo que decorre desde que os comerciantes iniciam as compras até que o produtor dispende esse dinheiro em compras que, por seu turno, faz ao comercio, ou até que o vem depositar no banco. Esse periodo que é mais ou menos longo, variando entre um a tres mezes, tem uma correção nos países mais adiantados, qual é a do emprego do cheque nas liquidações de todas as transações. Nas colonias, em que o produtor é o indigena, que desconhece o cheque, esse periodo obriga os bancos a manterem grandes disponibilidades de caixa.

2.º Qual o montante de coberturas de que precisa dispôr para o pagamento da importação feita pelo comercio da area em que exerce a sua acção, praças onde essas coberturas são necessarias e epocas de maior importação.

3.º Qual o montante de coberturas que poderá obter como resultado da exportação do comercio da area em que exerce a sua acção; moedas em que essa exportação é liquidada.

Eis indicadas as tres bases do calculo para sabermos qual o capital necessario para um banco de comercio exercer a sua acção numa determinada area em face do quantitativo das transações a efectuar com o comercio dessa area; ou vice-versa: para sabermos a extensão que podemos dar ás transações em face do capital de que dispomos.

E' claro que certos factores influem tambem no calculo do capital; mas considerando o caso geral, poderemos dizer que são os tres que indicamos, os principaes.

(Continua)

Quidam.

A PARTICIPAÇÃO DO EMPREGADO NOS LUCROS DO NEGOCIO SUA CONVENIENCIA COMO ESTIMULO DO PROGRESSO

Nenhum comerciante pode considerar-se hoje em dia independente do seu pessoal. Por muita que seja a sua capacidade e por mais capital que tenha, não lhe será possível seguir muito airoso. Hoje mais que nunca é necessaria a cooperação nos negocios. Os comerciantes mais perspicazes consideram os seus empregados como socios e coparticipantes dos lucros pois nenhum se crê bastante forte para prosperar sem esta cooperação.

Os commerciantes avisados já advertem a enorme perda de produção resultante de não unir os seus esforços aos dos empregados. Quando, pelo contrario, uns e outros se convencem de que os seus interesses são identicos em vez de abrir um abismo entre eles, armenizam, aumenta o trabalho e prospera o negocio em tais proporções, que se se adoptasse como regra geral de conducta, este sistema cooperativo, determinaria uma profunda revolução no mundo mercantil.

Muito prejudicial é para quantos trabalham como empregados que ao constituir-se uma sociedade com o proposito de defender os seus interesses façam finca pé na opposição que lhes parece que têm os seus com os do patrão, pois deste modo cavam mais e mais as diferenças até abrir um precipio entre ambas as partes, que deveriam ser de um mesmo e desintegravel todo.

Disse Carnegie: «*O trabalho e o capital não deveriam nunca estar em conflito. A solução do problema esta na comparticipação dos lucros. Todo o empregado deveria ser considerado como dono e então cessaria todo o motivo de disturbio. Se eu começasse agora um negocio seria esta a primeira determinação que tomaria. Estabeleceria a comparticipação dos beneficios com o pessoal, de modo que todo o empregado tivesse a sua parte neles. Opino que isto seria um passo muito adiantado no caminho de prevenir todo o conflito entre o capital e o trabalho.*»

E' muito proveitoso poder convencer o empregado de que desempenha uma parte importantissima no exito da casa. Tudo quanto contribua para assegurar o entusiasmo e lealdade do pessoal será um gasto reproductivo.

Os commerciantes que sabem o que trazem entre mãos e caminham por o caminho do exito, já vêm no pessoal um factor activo do negocio em vez de o considerar como até agora um capitulo de gastos. A segurança no emprego, o periodico aumento de ordenado, a participação no negocio, a perspectiva da subida, os seguros na velhice, enfermidade, acidente ou paralisação forçada, são excelentes meios de reter os empregados numa casa e assegurar com a estabilidade do pessoal a mais perfeita organização.

Um commerciante muito atilado afirmava que desde que cinco anos atraz, havia adoptado em sua casa o sistema da participação nos lucros, eram muito menos frequentes as mudanças de pessoal. Por outro lado, quando os empregados estão pecuniariamente interessados no negocio é muito mais facil evitar os equívocos, a deterioração das mercadorias, o afrouxamento nas vendas e demais prejuizos a que se expõe o desconsiderado commerciante que trate os seus subalternos como escravos e não se lembre de os tratar como colaboradores.

Dizia Lincoln: «*Toda a casa dividida, perderá.*» Se o chefe e os empregados dum estabelecimento mal gastem o tempo em mutuas recriminações e disputas, forçosamente abrirão entre eles um abismo em que se afunda o negocio. Muita diferença ha entre a eficacia

mecanica de varios arames soltos e a do mesmo numero entrelaçados em cabo. Donos e empregados hão-de ser como finissimos arames que unidos em potente cabo possam suportar um peso enorme. Em muitas casas comerciais, o dono e os empregados, olham como arames soltos, sem unidade de proposito, olhando cada qual por si mesmo, desentendidos dos interesses dos demais.

Estas casas arruinam-se em epochas de crise ou de pánico emquanto que aquelas em que todo o pessoal está fortemente entrelaçado no cabo do interesse colectivo, resistem victoriosamente aos maiores contratempos, e ainda que os artigos estejam sem vender nos lotes; acham meio expedito de se sobrepor á crise e reavivar a venda.

Costuma desperdiçar-se em muitos estabelecimentos comerciais grande soma de capacidade, que permanece latente por falta de cordeal cooperação entre os empregados e o chefe, quando este não sabe estimulá-los. Na maloria das casas de comercio fica sem utilizar a quarta parte da capacidade productiva do pessoal. Jovens de verdadeira aptidão para serem habilissimos chefes de secção seguem indefinidamente as ordens do chefe porque este não soube descobrir nem estimular as qualidades deles.

O dono dum estabelecimento comercial deve vencer os seus empregados de que é o seu melhor amigo e está disposto a ajuda-los a prosperar. Deve dar-lhes a perceber que é o seu mestre e conselheiro na carreira dos negocios, e ensina-los com a sua valiosissima experiencia resumida em inextimaveis conselhos. Deste modo pode o dono livrar os seus empregados de muitos erros e fracassos a que a sua inexperiencia os arrastaria.

Em dias futuros, o dono de um estabelecimento considerará os empregados como individuos de sua propria familia, que com ele cooperam no negocio, como jovens educandos da pratica escola mercantil, a quem adextra para que em tempo oportuno obtenham da vida o melhor exito possível, ao passo que eles considerar-se-hão como socios da casa e contribuirão com todas as suas forças para a prosperidade do negocio. Em resumo, o mutuo auxilio e a cooperação entre o patrão e o seu pessoal, caracterizará os grandes estabelecimentos comerciais do futuro.

O individualismo cede dia a dia o passo á cooperação racional. Os mais conspicuos commerciantes estudam hoje em dia o problema da cooperação, pois não ha homem, por mais habil que seja, capaz de dominar por si mesmo todos os pormenores dum grande estabelecimento.

João Wanamaker chegou a ser um magnat do mundo comercial por se haver rodeado de homens de talento, alguns dos quais o avantajavam em capacidade e a quem remunerava em maior proporção que a si proprio.

Marshall Field tinha a suma sagacidade de rodear-se de homens de merito que em diversas occasões lhe sugeriam projectos de felicissima realisação. Era Marshall muito douto na difficil arte de seleccionar o pessoal mercantil e aproveitar as suas opiniões e pareceres como elementos do proprio juizo. Sabia de sobra que um homem só não podia abarcar o mundo dos negocios.

Os commerciantes praticos ganham muito tempo e trabalho, porque ordenam a sua conducta com a ex-

perencia alheia. O seu cerebro é como esponja que absorve quantas ideias, projectos, traços, insinuações e planos deixam translusir os empregados, e por a meditação pessoal os transforma em positiva sabedoria.

Ha-os que prosperam até que a amplitude do negocio os obriga a delegar a sua autoridade. Enquanto puderam atender pessoalmente aos pormenores e cuidar de tudo, foram do vento em popa: porém quando se vêem precisados de pôr em mãos alheias parte do regimen comercial, aturdem-se e confundem-se, porque não acertam na selecção de pessoas nem sabem confiar a cada qual o cargo mais adequado ás suas aptidões. O proprio Napoleão foi victima da excessiva confiança em si proprio, pois ainda que soubesse eleger generais' nunca quiz dar-lhes liberdade de acção e considerava-os quasi como complemento do seu proprio braço.

O commerciante João R. Walsh, de Chicago, é um acabado exemplo do inevitavel fracasso a que se expõe quem tudo quiere dirigir por si proprio. O empregado que não se submetia ás suas genialidades tinha de sair de casa, e outro tanto acontecia a quem se atrevia critica-las. Nenhum movia pé nem mão sem a sua aprovação, e todos sabiam que para manter-se no lugar era preciso subordinar-se ás ideias do chefe por disparatadas que fossem, pois não consentia a mais leve contradição. A sua norma era a obediencia escrava e cega. Assim fracassou ignominiosamente, porque cada um dos seus empregados era um inimigo encoberto.

Cada dia é mais difficil que um só homem possa atender aos complicados pormenores do negocio moderno; tarde ou cedo dará de si quanto em si tenha, que por limitação natural das faculdades humanas será muito menos do que demande a amplitude do negocio.

O metodo de Carnegie foi diametralmente oposto ao de Walsh. Confessa Carnegie que triumphou na vida comercial por se ter rodeado de homens de talento muito mais habeis que ele.

Neste sentido pouco a pouco se vão estreitando amistosamente as relações entre patrões e empregados que já se comprehendem algo melhor que antes, e na verdade nada pode proporcionar a um patrão maiores beneficios que a cooperação com os seus empregados. O regimen comercial evolucionou profundamente. Meio seculo atraz a unica lei era o brutal egoismo' e preecia licito que um homem enganasse outro, com um procedimento hipocrita.

Se se houvesse insinuado a um commerciante daqueles tempos a ideia de dar participação nos negocios aos seus colaboradores, certamente pensava que se arruinaria. Porém hoje em dia, a participação destes nos lucros, pelo menos os que contam largos anos de serviço, considera-se como o mais acertado regimen comercial e o de maior eficacia para dirimir questões entre o patrão e os empregados.

Da revista «*Actividad*».

M O D E L O S

MODELO DE LIVRO PARA DESCARGA DE QUOTAS

Este modelo o mais rigoroso e sob todos os pontos indispensavel para uma rigorosa fiscalisação pôde ser adoptado para as associações seja qual fôr a sua especialidade e até mesmo para as associações de

socorros mutuos que façam a cobrança às semanas; necessitando neste caso dum auxiliar, que pôde ser conforme o seguinte modelo.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

DESCARGA DAS CONTRIBUIÇÕES PAGAS PELOS SOCIOS

Ano de

F.º

N.º de matrícula	Nomes	Moradas	Data da admissão	Debito do ano anterior			Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Cobrados		Debito com que passa para o ano seguinte
				Quotas	Estatutos	Diplomas							Diploma	Estatuto	

Nota — Para não tornar grande o formato d'este mapa, indicam-se as colunas necessarias para um semestre, mas o livro pode servir para um ano, aumentando-se-lhe as colunas correspondentes aos meses de Julho a Dezembro.

Este modelo é destinado para as associações cujas quotas sejam semanais e é o modelo apresentado no ultimo Congresso Nacional de Mutualidade pelo congressista Snr. Manuel Inacio Alves Pereira com algumas modificações.

Se as quotas forem mensais basta ter uma coluna em cada mês e não as cinco.

O modelo de livro para descarga de quotas que segue é de facil compreensão.

As importancias dos saldos e emissão devem ser escrituradas a tinta encarnada e as cobradas bem como

as anuladas, serão escrituradas a tinta preta.

A razão é simples:

Os saldos e a emissão, consideram-se positivos.

As cobradas e anuladas, consideram-se negativas.

Exemplo:

—No mês de Janeiro que não tem saldo, houve a emissão de 6\$40, cobrando-se 4\$40.

Resultou um saldo de 2\$00.

—No mês de Fevereiro, temos a acrescentar a este saldo a emissão (2\$00+6\$40).

A cobrança foi de 5\$20.

Logo: (2\$00+6\$40)−5\$20=3\$20.

Portanto o saldo que transita para Março é de 3\$20.

—Em maio, como se pôde vêr pelo mapa que segue houve anulações de quotas.

Portanto sendo o saldo 4\$40 e a emissão 6\$40, a cobrança 4\$90 e anulação 2\$50, teremos:

Positivos (4\$40+6\$40)=10\$80

Negativos (4\$90+2\$50)=7\$40

Saldo 3\$40

E' êste o saldo que transitou para o mês de Junho.

E assim seguidamente.

Este sistema tem a vantagem de demonstrar claramente a conferencia do livro de *Cobrades* e livro *Caixa*, sendo um fiel muito importante para uma boa fiscalisação.

Assim:

Sabendo-se quantos socios tem a associação, por êste modelo se verifica a emissão das quotas e ele indica a cobrança que deve ser igual à importancia que tenha dado entrada em Caixa, o que é o ponto mais importante e qual o saldo que deve ter ficado em poder do cobrador, devendo tudo combinar com os livros *Caixa* e de *Cobrades*.

Havendo anulações por motivo de saída de socios os recibos devem ficar arquivados para justificar que não foram recebidos.

Com este sistema e havendo alem de quotas, joias e estatutos, é, preciso haver outros livros para cada uma destas varias contribuições.

Emissão, cobrança e anulação de quotas da Associação de

Ano de 19....

F.º 1

Número do Matrícula	Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				OBSERVAÇÕES		
	Classes		Emissão	Recebido	Anulado	Classes		Emissão	Recebido	Anulado	Classes		Emissão	Recebido	Anulado	Classes		Emissão	Recebido	Anulado	Classes		Emissão	Recebido		Anulado	
	Saldo	Saldo				Saldo	Saldo				Saldo	Saldo				Saldo	Saldo				Saldo	Saldo					Saldo
1	2.ª	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	Eliminado em 30 de Maio de 18....	
2	1.ª	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—		
3	3	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	1\$00	3\$50	—	1\$50	3\$50	—	2\$00	3\$50	—	2\$50	—	3\$50	—	3\$50	—	—	3\$50	—	—		
4	2.ª	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—		
5	1.ª	3\$50	—	3\$50	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	1\$00	3\$50	—	1\$50	3\$50	—	1\$50	3\$50	—	2\$00	3\$50	—	2\$00	3\$50	—		
6	3	3\$50	—	3\$50	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	1\$00	3\$50	—	—	3\$50	—	—	3\$50	—	3\$50	—	3\$50	—	—	—		
7	3	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—		
8	3.ª	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—		
9	1.ª	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—		
10	3	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—		
11	3	3\$50	—	3\$50	3\$50	1\$00	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—	3\$50	3\$50	—		
12	2.ª	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—		
16	3	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—		
19	3	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—	3\$40	3\$40	—		
25	3.ª	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—	3\$20	3\$20	—		
26	1.ª	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
27	2.ª	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
30	3.ª	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
38	2.ª	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Soma...		6\$40	4\$40	2\$00	6\$40	5\$20	3\$20	6\$40	5\$70	3\$90	6\$40	5\$90	3\$90	6\$40	5\$90	4\$40	6\$40	4\$90	2\$50	3\$40	5\$90	5\$70					

Nota— Por impossibilidade de apresentar-mos o livro de descarga do ano completo, vão apenas os meses do 1.º semestre.

Do livro: *Escrutinação Associativa*, por José Martins Pinhão

CONTABILIDADE APLICADA ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS

(Continuação)

Premios vencidos a receber

Nesta conta escripturam-se, na época do balanço, os premios vencidos que até a referida época não tenham sido recebidos.

Debita-se pelo total a receber que é creditado a Premios.

Credita-se pelas importancias dos premios vencidos á proporção do seu recebimento.

Seu saldo é sempre devedor e indica o que falta receber para completar o que foi debitado á conta na data do balanço.

A totalidade dos premios não é recebida directamente pela caixa da companhia; os seus banqueiros effectuam o recebimento de grande parte desses premios.

Em conformidade com esta condição instituem-se as seguintes contas:

- a) *Recibos de premios;*
- b) *Premios em cobrança;*
- c) *Banqueiros c| corrente.*

Recibos de Premios

Sob este titulo são lançados os recibos remetidos aos Banqueiros para cobrança.

Debita-se a conta pela importancia total dos recibos a cobrar, que são lançados em um livro proprio, onde figuram os nomes dos encarregados do recebimento.

Credita-se pelos recibos cobrados e pelos devolvidos por serem incobráveis cujas importancias, con-

forme a digraphia, figuram no debito de *Premios em cobrança*.

O *saldo* devedor da conta representa a importancia dos *Recibos de premios* que se encontram em poder do Banqueiro cobrador.

Premios em cobrança

Nesta conta debitam-se as importancias dos recibos cobrados e dos devolvidos por serem incobráveis.

Credita-se o valor dos recibos enviados para cobrança.

O *saldo* da conta é credor e indica a importancia dos premios que os segurados ainda não pagaram.

Como vemos, esta e a anterior são *contas de ordem* e reciprocas.

Banqueiros

É uma conta collectiva que subordina os Banqueiros cujos nomes estão no *cl corrente* respectivo.

Os lançamentos desta conta fundam-se no contrato que deve existir entre a Companhia e Banqueiro.

Debita-se pelas cobranças por este effectuadas.

Credita-se pelos pagamentos e remessas que o Banqueiro fizer; pelas commissões de cobrança e de aquisição, e importancia das despesas realisadas por conta da Companhia.

Agentes

Os agentes trabalham, conforme o contrato, a comissão, ou percebem um ordenado fixo e uma comissão proporcional á produção.

Credita-se a conta pelos ordenados e commissões que lhes pertencem.

Debita-se pelo que se lhes paga.

O *Saldo* que se extrae do livro do de c. correntes só pode ser credor.

Commissões

A *debito* levam-se as commissões pagas pela aquisição de seguros e pela dos premios.

Quando os premios são fraccionados por trimestres ou semestres, a comissão pagar-se-á em tantas quotas quantas forem as fracções do premio anual.

No *debito* incluem-se, igualmente, na data do balanço, as commissões relativas aos premios a receber por nossa conta, que por outro lado são creditadas aos encarregados da cobrança.

A *credito* escripturam-se as commissões recebidas dos resseguradores, pelos seguros que lhes foram cedidos; as que se relacionam com as varias especies de seguros e que devem ser transferidas para o debito de cada categoria; e as commissões a amortizar.

O *saldo* é devedor e representa as commissões que correspondem ás fracções dos premios annuaes a receber no exercicio posterior e a parte que não tem applicação especial.

Commissões a amortizar

As companhias de seguros, como sabemos, teem que supportar no inicio das suas apercões, além de muitas outras, uma carga que procede das commissões pagas aos intermediarios pela aquisição de seguros.

Esta conta é, pois, inevitavel na epoca em que as empresas novas não dispõem de grandes recursos, mas que, entretanto, teem interesse no augmento, ao maximo possivel, da sua produção.

Para não carregar um só exercicio amortizam-se essas commissões anticipadas em varios periodos, mesmo porque ellas não poderiam ser immediatamente eliminadas, mediante lucros que são mais ou menos aleatorios.

As commissões desta especie não representam prejuizo; indicam, realmente, uma antecipação de despesa que será coberta pelos premios futuros; pois, como sabemos, os premios são constantes e periodicos e comprehendem, além da quota destinada ao pagamento dos sinistros, as que foram previstas para as despesas de administração e de aquisição.

Debita-se pelo valor parceladamente amortizado, que vae para credito da conta de commissões na qual se concentram todas as recebidas e pagas.

Credita-se, debitando-se as categorias respectivas, na epoca do balanço, pelas importancias amortizadas.

O *saldo* é devedor e accusa a parte a amortizar.

Do meu livro «Tratado de Seguros»

(Continua)

Horacio Bertink.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

(Continuação)

O terceiro e ultimo livro principal era o *quaderno*, o razão. Também lhe chamavam *quaderno grande*, *libro grande*, denominação identica, esta ultima, á adoptada até hoje pelos francezes, que lhe chamam *grand livre*. A primeira conta que se abria no *quaderno grande* era a de *Caixa*. Isto, — explica PACIOLO, — porque a conta de *Caixa* era a primeira no diário. Devia-se-lhe deixar uma pagina inteira, sem nela se abrir nenhuma outra qualquer. «*E tutta quella facciata si costuma lasciarla stare per ditta cassa, e in dare nè in avere non si pone altro; e questo perchè la cassa si maneggia più che partita che sia, a ora per ora, in mettere e cavar denari*».

Aberta a conta de *Caixa*, podiam-se inscrever as outras livremente. «*E poi li si lascia il campo largo*».

O encerramento do razão fazia-se sem nenhum lançamento no diário. Não se conheciam estas inuteis contas de *Balanço de Entrada* e *Balanço de Saída*, adoptadas aqui por muitos, e cujo emprego os modernos tratadistas italianos consideram obrigatorio.

As contas eram fechadas no razão, uma por uma, e reabertas em seguida por saldo. Nisto andavam os antigos venezianos infinitamente mais avisados do que os modernos.

A conta de *Lucros e Perdas*, — *Pró e Danó*, — tinha a mesma função que tem modernamente: recebia a seu debito todas as depezas e todos os prejuizos eventuais, e a seu credito todo o lucro realisado. O seu saldo, devedor ou credor, era transferido por ultimo para a conta de *Capital*.

A transferencia, porem, dos saldos das diversas contas de resultado para a de *Lucros e Perdas* fazia-se só no razão, sem nenhum lançamento no diário. Do mesmo modo se fazia a transferencia do saldo da conta de *Lucros e Perdas* para a de *Capital*. Nada se lançava no diário. E isto, — ensina PACIOLO, — porque todo lucro ou todo prejuizo registrado no razão vem já do diário.

PACIOLO conheceu e expôz o modo de levantar

o balanço de verificação, o balanço dos livros, como também lhe chamam.

Ensinava ele:

Si a soma de todos os debitos do quaderno não é igual á soma de todos os créditos, — então ha erro nesse livro, — o qual convirá achar com o trabalho da intelligencia que Deus te deu, — *il qual poi con diligenza converrá trovarlo con la industria dell'intelletto che Dio ti ha dato.*

A' soma de todos os debitos chamava ele *summa summarium*, do debito, e á soma de todos os créditos, *summa summarium* do credito. As duas *summas summarium* deviam ser iguais entre si. Dada esta igualdade podia-se julgar bem feito o *quaderno grande* ou razão.

«*Ora se queste due summe summarium saranno pari, arguirai il tuo quaderno essere ben guidato, tenuto e saldato.*»

Mas a verdadeira conferencia dos livros, a infalível, era a que se fazia pelo confronto do *memoriale* com o *giornale*, e deste com o *quaderno grande*, partida por partida.

No capitulo XXXII do seu tratado expõe PACIOLO o modo pratico desta conferencia. Tão trabalhoso era o confronto dos livros entre si que o illustre frade logo de começo nos adverte:

— «*La qual cosa volere seguire, bisogna grandissima diligenza; e per ordine terrai questo modo; cioè prima farai di avere um compagno, ché mal potresti per te solo farlo: a lui darai in mano il giornale, per più cautela, e tu terrai il quaderno grande.*»

E assim, tendo um ao seu cuidado o *giornale*, e outro o *quaderno grande*, fazia-se a trabalhosa conferencia, por pagina.

Lembra neste ponto o tratadista que nem todas as parcelas do *quaderno grande* se encontram no *giornale*, tendo isto explicação no facto de que as partidas de transferencia das contas de resultado para a de *Lucros e Perdas*, — *Pró e Dano*, — não passavam pelo *giornale*: faziam-se no *quaderno grande* tão somente.

E' curioso o modo porque se transportavam as contas do *quaderno grande* de uma pagina cheia para outra em branco. Na pagina cheia era a conta encerrada, como a encerramos hoje, por saldo, na ocasião do balanço. Para a pagina seguinte só levava o saldo resultante do encerramento, o qual podia ser devedor

ou credos. E esclarece PACIOLO, no capitulo XXVIII, que destes transportes nenhum lançamento se fazia no *giornale*, posto que não andaria mal quem tal fizesse. «*Li reporti non bisogna ponerli in Giornale, benché si potrebbe a chi volesse, e verria a rispondere ancor bene, ma non fa bisogno, perchè si avria quella fatica in più senza frutto.*»

A explicação que dá PACIOLO do modo porque se devia fazer o transporte de uma conta, de uma pagina para outra, no razão, nos mostra claramente qual seria o lançamento correspondente no *giornale*, no diario, se aí se registrasse esse transporte,

No *giornale* figuraria a conta que se transportava como devedora e credora ao mesmo tempo: devedora a si mesma e credora de si mesma. Assim por exemplo:

Caixa

A si mesma

Transporte para a pagina 60 do saldo da pagina 50.

Mas PACIOLO não cessa de vivamente nos advertir que, suposto se pudesse isto fazer, não deixava, todavia, de ser trabalho sem fructo-*fatica in più senza frutto.*

As linhas em branco, nos livros, até mesmo no *quaderno grande*, eram inteiramente vedadas pelo uso. «*Non lasciando spazio nel Quaderno fra il ditto riporto e le altre partite, che si reputeria fraude nel Libro.*» E logo adiante, falando ainda do transporte, diz o frade cheio de zelo pela honra do negociante: — «*Senza intervallo alcuno, acciò nessun te possa calunniare.*»

A conta da Caixa mereceu do altissimo engenho do frade toscano especial reparo. Aberta a conta de Caixa, — adverte ele — jámais poderá esta aparecer credora. Será sempre devedora, ou, então, estará saldada. Se assim não fór, ha erro no livro.

— «*E mai per nullo tempo nel maneggio mercantescola cassa può essere creditrice ma solo debitrice ovvero para; però che quando nel bilancio del Libro si trovasse creditrice dinoterebbe errore nel Libro, como di sotto a suo luogo ti darò sommaria ricordanza.*»

(Continua.)

Carlos de Carvalho.

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética para os leitores que os quizerem apresentar ou resolver.

Problema n.º 7

A firma Silva Brandão & C.ª L.ª, comprou à Sociedade Agricola do Norte cereaes no montante de Esc. 117.356\$95, pagamento a 90 d/data por letra aceite, mas por dificuldades financeiras, no vencimento da letra a firma aceitaante só tinha disponiveis Esc. 50.000\$00, tendo conseguido a abertura de um credito no Banco Peninsular, para pagamento do saldo da letra vencida, garantido pela entrega de saques aceites por clientes seus, no total de Esc. 87.600\$00, que por exigencia do Banco foram também endossados pelo comerciante José da Costa. Depois de feita a cobrança de todos os saques nos respectivos vencimentos o Banco entregou á referida firma por saldo de contas Esc. 16.717\$55.

Que lançamentos se devem fazer na escrituração das firmas Silva Brandão & C.ª L.ª, e José da Costa?

Problema n.º 8

Trez individuos compraram de sociedade mercadorias na importancia de L. 895. 13. 8, tendo entrado o primeiro com L. 357. 12. 4, o segundo com L. 285. 285. 2, 10 e o terceiro com L. 252. 18. 6. Querem ganhar 30% e pagar uma comissão de 2 1/2% s/ o importe da venda. Por quanto teem de vender a mercadoria e quanto toca a cada um proporcionalmente ás entradas?

A. C. G. M.

Solução do problema n.º 6

Operações perliminares para o balanço

Lançamento da venda duma estante, o qual por lapso não foi feito em devido tempo.

DEVEDORES
a MOVEIS E UTENSILIOS

Francisco Mendes Ferreira

Por uma estante que lhe vendemos

e de cuja venda não fizemos lançamento por lapso em tempo competente 900\$—

A conta de Auguste Lambert & C.¹⁰ apresenta uma diferença de cambio de Esc. 25\$00, contra a firma a quem pertence a escrituração.

Credito daquela conta: 5.000 Frs. a 78,5 = 3.925\$—
 Debito " " 5.000 Frs. a \$79 = 3.950\$—
 Diferença de cambio 25\$—

E', pois, necessario fazer o seguinte lançamento,

DIFERENÇAS DE CAMBIO

• CREDITORES

Auguste Lambert & C.¹⁰

Diferença de cambio respeitante a 5'000 Frs., que foram creditados a \$78,5 e pagos a \$79 25\$—

Devido aos lançamentos acima, creou-se a conta «Diferenças de Cambio», que apresenta um saldo devedor de Esc. 25\$—

e foram alterados os saldos das contas: «Devedores», «Moveis e Utensilios» e «Creditores», como vamos ver:

Deve	Devedores	Haver	
Saldo anterior ao balanço	48:000\$—	Saldo do balanço	48:900\$—
a Moveis e Utensilios	900\$—		
	48:900\$—		48:900\$—

Deve	Moveis e Utensilios	Haver	
Saldo anterior ao balanço	45:000\$—	de Devedores	900\$—
	45:000\$—	Saldo do Balanço	44:100\$—
			45:000\$—

Deve	Creditores	Haver	
Saldo do balanço	17:425\$—	Saldo anterior ao balanço	17:400\$—
		de Diferenças de Cambio	25\$—
	17:425\$—		17:425\$—

Agora extrai-se o balancete do «Razão» e por ele o seguinte quadro:

Quadro recapitulativo do balanço geral, do inventario e de perdas e lucros em

Folhas	CONTAS	SALDOS		INVENTARIO		RESULTADOS	
		Devedores	Creditores	Activo	Passivo	Perdas	Lucros
1	Capital		180.000\$—		180.000\$—		
2	Moveis e Utensilios	44.100\$—		44.100\$—			
3	Mercadorias	7.800\$—		47.100\$—			39.300\$—
5	Letras a Receber	13.500\$—		13.500\$—			
6	Caixa	60.000\$—		60.000\$—			
8	Devedores	48.900\$—		48.900\$—			
10	Creditores		17.425\$—		17.425\$—		
11	Letras a Pagar		3.000\$—		3.000\$—		
12	Despezas Gerais	26.100\$—				26.100\$—	
14	Diferenças de Cambios	25\$—				15\$—	
		200.425\$—	200.425\$—	213.600\$—	200.425\$—	26.125\$—	39.300\$—
					13.175\$—	13.175\$—	
	Lucro liquido			213.400\$—	213.600\$—	39.300.—	39.300\$—

E' muito facil fazer um quadro assim.

Por ele se encerra com grande facilidade qualquer balanço.

Elabora-se pelo ultimo balancete do «Razão»; isto é, pelo balancete que se extrai depois de termos como exactos os saldos de todas as contas, o balancete para o balanço, separando os saldos das contas de inventario dos saldos das contas de resultados, tendo em vista:

Que os saldos devedores das contas de inventario são activo e os saldos credores são passivo;

Que os saldos devedores das contas de resultados são perda e os saldos credores são lucro.

Exceptua-se o saldo da conta «Mercadorias», por estar atectado do resultado das vendas.

Relativamente a esta conta, figura no activo a importancia da existencia de mercadorias á data do balanço; se ela fôr maior que o saldo da conta «Mercadorias» a diferença é lucro e vai para a coluna dos lucros, se fôr menor é prejuizo e vai para a coluna das perdas.

Estando o quadro bem elaborado, hade a diferença entre o total do activo e o total do passivo ser igual á diferença entre a soma das perdas e a dos lucros.

Vamos, agora, pelo quadro que apresentamos, fazer os lançamentos para encerramento do respectivo balanço.

Começa-se pelas contas de resultados e termina-se

pelas contas de inventario, como segue :

Porto, 28 de Fevereiro de 1930.

a PERDAS e LUCROS	26.125\$—	
a DIVERSOS		
Pelos saldos negativos das seguintes contas :		
a DESPEZAS GERAIS	26.100\$—	
a DIFERENÇAS DE CAMBIO	25\$—	
MERCADORIAS	39.300\$—	
a PERDAS e LUCROS		
Lucro dado por aquela conta.		
	39.300\$—	
a PERDAS e LUCROS	13.175\$—	
a CAPITAL		
Lucro liquido verificado neste exercicio e que passa daquela conta para esta		
	13.175\$—	
a DIVERSOS e DIVERSOS		
Saldos das seguintes contas por balanço de saída :		
CAPITAL	193.175\$—	
CREDORES	17.425\$—	
LETRAS a PAGAR	3.000\$—	
a MOVEIS e UTENSILIOS	44.100\$—	
a MERCADORIAS	47.100\$—	
a LETRAS a RECEBER	13.500\$—	
a CALXA	60.000\$—	
a DEVEDORES	48.900\$—	
	292.200\$—	292.200\$—

A. M. F.

ARITMÉTICA PRÁTICA

(Continuação)

Subtracção

Em geral estabelece-se a subtracção colocando o diminuidor debaixo do diminuendo, mas ha casos em que tem de se subtrair ao contrario, como succede, por exemplo, na determinação dos consumos de agua, luz, força, para o que se empregam verbetes com duas colunas, uma para as indicações do contador e outra para os consumos.

Forçosamente a indicação do dia anterior é menor, portanto temos de fazer a subtracção de cima para baixo. Exemplo:

Mês	Dia	Indicações	Consumo
Janeiro	24	2 784.325	
	25	2.784.742	417
	26	2 785 216	474

Nos casos em que tenhamos de subtrair uma quantidade da soma de varias parcelas, não ha necessidade de fazer a operação em separado: podemos executar simultaneamente a soma e a diminuição. Exemplo:

Cobrámos três recibos: de 1.742\$35, de 227\$55 e de 12.634\$00, e pagámos no banco uma letra de 5.437\$15. Qual deve ser o saldo?

+	1.742\$35	Diremos: 5 e 5, 10, menos 5, 5. 8 me-
+	227\$55	nos 1, 7, 9 e 4, 13 menos
+	12.634\$00	7, 6, 9 menos 3, 6, 9 e 6
—	5.437\$15	15, menos 4 11. e vai 1, 2
	9.166\$75	e 12, 14 menos 5, 9.

ENTRE LEITORES

Resposta á consulta n. 12

Os tratados de escrituração não podiam deixar de mandar saldar a conta DESPEZAS GERAES por debito de PERDAS E LUCROS, pois ela pôde ser considerada uma subdivisão desta conta, destinada a resgistar todos os gastos, que não podem ser classificados como pertencentes ás contas de movimento e assim se verificar com mais facilidade o seu montante pelo que não concordamos em que seja saldada por debito de FAZENDAS GERAIS.

O que entendemos é que a conta FAZENDAS GERAIS deve ser sobrecarregada com todos os abatimentos e despezas que lhe digam directamente respeito e muito especialmente com aquelas que entram na formação do preço de custo das mercadorias, taes como direitos altandegarios, barcagens, carretos, etc., para assim se obter, o mais aproximadamente possivel, o lucro liquido desta conta.

Adoptando-se este criterio, ficam remediados os inconvenientes apontados pelo meu illustre colega.

Porto, Fevereiro de 1930.

Arnaldo Moreira.

Quando tivermos varias parcelas a tirar do mesmo numero opera-se como neste exemplo:

Um empregado recebeu 15 contos para fazer três pagamentos: de 1.437\$95, de 1.587\$15 e de 10.249\$20. Qual o troco a entregar?

+	15.000\$00	Dirêmos: (de baixo para cima) 5 e 5,
—	1.437\$95	10 para 10, nada. E vai 1, 3, 4, 13
—	1.587\$15	para 20, 7. E vão 2, 11, 18, 25 para
—	10.249\$20	30, 5. E vão 3, 7, 15, 18 para 20, 2.
	1.725\$70	E vão 2, 4, 9, 13 para 20, 7. E vão
		2, 12, 14 para 15, 1.

Suponhamos que temos, numa importancia de 9.225\$60, de fazer um desconto de 5% e o abatimento de 3% de comissão. O método usado vulgarmente é:

Importancia	9.225\$60
Desconto	5%
1.º producto	461\$28
	9.225\$60
1.º resto	8.764\$32
Comissão	3%
2.º produto	262\$92
	8.764\$32
Liquido	8.501\$40

Podemos abreviar estas operações da seguinte forma:

A' direita da importancia em que ha a fazer os descontos, colocam-se dois pontos se o desconto a fazer é «por cem»; três pontos se é por mil, e assim sucessivamente. O primeiro algarismo do resultado coloca-se debaixo do ultimo ponto e efectua-se a subtracção directamente assim:

9.225\$60	..
× 5—461\$28	00
	8.764\$32
× 3—262\$92	96

Liquido 8.501\$40

Outro exemplo: comprámos mercadorias no valor de 14.352\$67 e tem de fazer 7 por 100 de desconto:

14.352\$67	...
× 7—100\$46	869
Liquido	14.252\$21

C.

PERITOS CONTABILISTAS

E A REGULAMENTAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Que estamos bastante atrasados em face do estrangeiro sobre tudo no que respeita a Contabilidade, afirma-se. Parecendo um lugar comum esta afirmação, que cada um faz, afinal, em referencia á sua especialidade profissional, facilmente se verifica o fundamento do asserto, onde não há o chamado *pessimismo nacional*, mas a verificação dum mal que se pode—basta querermos!—remediar, anular mesmo. Os técnicos de reconhecida competência não podem classificar-se abaixo dos mestres de lá de fora; simplesmente a relativa pequenez do nosso meio comercial e industrial lhes não permite destacarem-se. Mas se temos os valores o problema está resolvido, pois nos basta lançar mãos a organização dos mesmos em moldes proveitosos para a colectividade.

Vejamos o que se passa quanto aos peritos contabilistas. «Em Portugal nada existe de legislado que garanta o titulo de perito contabilista: qualquer individuo, embora não seja mais que um praticante de contabilidade, se enfeita com elle, só porque a política, a protecção de um amigo, ou qualquer influencia semelhante, conseguiu que elle fosse nomeado pelo juiz de qualquer tribunal para qualquer exame de escrita. E o mais curioso é que já tem sido nomeados para peritos pessoas que confessam nada perceber de contabilidade.» (REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE).

Vejamos, entretanto, como lá fora o assunto é resolvido. Socorremo-nos da extinta e bem elaborada REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE, das melhores publicações que no género temos conhecido, em cujo número de Maio de 1926 se publicava um artigo sobre «O titulo de perito contabilista».

Na Grã-Bretanha foi o problema encarado e resolvido com o magnífico espirito prático dos ingleses, legalisando-se o titulo de *accountant* pela lei de 1862 e dando-se um impulso no mesmo sentido, em 1869, com a publicação da Lei das Falências (*Bankruptcy Act*). O mais importante organismo é o *Institute of Chartered Accountants in England and Wales*, (Instituto dos contabilistas privilegiados de Inglaterra e do País de Gales), que contava em 1927 o elevado número de 6 mil associados. O termo *chartered*, que traduzimos por privilegiado, caracteriza a intervenção do Estado. Diferindo do titulo de contabilista (*accountant*), que qualquer individuo pode obter, o de *chartered accountant* é reservado aos membros do Instituto. Entretanto esta qualidade não confere aos seus portadores qualquer ligação official. A carta que rege a associação corresponde aos nossos diplomas de reconhecimento de utilidade pública. Nem o estado confere quaisquer diplomas aos membros daquela colectividade, que escolhe livremente os seus sócios, nem sequer estabelece quaisquer preferencias para os referidos sócios. Estes dividem-se em duas classes: membros *associados* (*associate of the chartered accountants*), designados pela abreviação A. C. A., e os membros *titulares* (*fellow of the chartered accountants*), designados pelas iniciais F. C. A.

O candidato deve, em primeiro lugar, prestar provas preliminares que justifiquem a sua instrução e saber geral. Certos diplomas, porém, são aceites como garantia sufficiente. O candidato deve em seguida iniciar um estágio de cinco anos, salvo se possuir qualquer grau universitário, o que lhe permite reduzir

o estágio a três anos, sendo submetido, a meio do referido estágio, a um exame e a outro no final, o que lhe permitirá receber o grau de associado. Para ser nomeado titular é necessário ter exercido, durante cinco anos, o cargo de contabilista público.

Alem daquela associação outras existem, quer na Grã Bretanha, quer nas colónias inglesas.

Nos Estados Unidos da América são numerosas as associações de verificadores contabilistas, que, para obterem o diploma de *Certified Public Accountant* (C. P. A.), devem ter 21 anos, ser cidadão americano, atestar os seus bons costumes e possuir certificado da Universidade de Nova York correspondente ás cadeiras indispensáveis á sua profissão. O candidato admitido recebe o certificado de Junior C. P. A. e aos 25 anos o de *Full C. P. A.*

Na Alemanha os peritos judiciários e verificadores ajuramentados pelas Camaras de Comércio não tem a protecção do Estado: São as Camaras referidas que se occupam em legalisar o exercicio profissional. Há nas Universidades de Leipzig, Berlim e Colónia cursos especiaes para a formação de verificadores; duram, geralmente, um semestre e o diplomado recebe o titulo de *Büchrrvisor*. Além dos verificadores ajuramentados, há na Alemanha verificadores livres, que, á falta da necessária regulamentação, se constituíram em Associação; nesta são admitidos somente candidatos com o mínimo de 30 anos e que provem as suas aptidões no decurso de trez anos.

Na Suissa os peritos agrupam-se na *Association Suisse des Experts-Comptables*, organismo que se occupa principalmente na defesa dos interesses dos seus membros. Tambem ali as Universidades se tem preocupado com a organização de cursos da especialidade.

Conseguiram os técnicos da verificação contabilista que, na Itália, fôsse regulamentado o exercicio profissional, de modo que só podem exercer o mister de *ragionieri* os individuos que: sejam de nacionalidade italiana, sejam contabilistas diplomadas ou licenciados numa escola superior de comércio ou professores de contabilidade nos institutos técnicos reais e ter feito um estágio de dois anos junto dum contabilista de qualquer dos Colégios que agrupam os profissionais, obtendo aprovação num exame prático final.

Preocupou-se, em Portugal, o govêrno provisório com o assunto, criando em 27 de Maio de 1911 a Câmara dos Peritos Contabilistas, que nunca chegou a funcionar, já porque a escolha dos peritos era feita em condições de insucesso, já porque nunca se chegou a regulamentar a lei referida.

Do mais que se fez neste sentido entre nós e o que deveria fazer-se fala com notável autoridade a extinta *Revista de Comercio e Contabilidade* no artigo a que nos temos cingido.

Entretanto, no ano seguinte á publicação daquele artigo era promulgado em França um diploma, cujas disposições não resistimos á tentação de transcrever. Antes cabe informar que o exercicio profissional estava entregue á fiscalisação dos mesmos profissionais por intermédio de várias associações, movimento que se acentuou a partir de 1912.

Continua

José Antunes.

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

DEVE			CAIXA		HAVER
1899 Jan.º 23	Saldo de 21 . . .	1369.987	80	1899 Jan.º 23	Banco do Comercio «P. Alegre»
	Comissões				Selos para ER/SP/14 (LB 4/192
	1/2 % s/os creditos concedidos a Luiz Moraes, Tito Livio e E. Albuquerque . . .	860	000		11
	Depositos para Avaliações				Emprestimos Garantidos, S. Paulo
	Recebido para avaliação dos immoveis de H. Bilforten . . .	300	000		Pereira & Raul, cheque n.º 2
	Depositos em C/Corrente, «S. Paulo»				E. Albuquerque cheque n.º 21
	Joaquim Chaves . . .	10.000	000		Titulos Descontados em S. Paulo
	Descontos				Pago pelos TD/SP 18/20.
	Dos TD/SP 18/20. . .	1.744	580		133.152
	Emissão				890
	Notas de 20.001 a 40.000, da 1.ª Série, de 500000	1000.000	000		2.244.228
		2382.892	360		2.382.892.360
					138.663
					890
					2.244.228
					470
					2.382.892.360
Jan.º 24	Saldo de 23 . . .	2244.288	470	Jan.º 24	Deposito em C/Corrente, Santos
	Comissões				Paula Sousa, cheque n.º
	1 % do credito concedido a J. Cunha, 1/2 % do concedido a C. Neves e 1/8 do cheque 2 H.	420	000		3.000
	Depositos em C/Corrente, «S. Paulo»				Deposito em C/Corrente, S. Paulo
	Companhia Metalurgica: 50 % de 3.000 debentures de 100000 emitidas a 950000 por s/c	142.500	000		Azevedo & C.ª, cheque n.º 103
	Depositos por Letras				G. de Lemos cheque n.º 121
	DL/SP 2 a um ano, á ordem de Xisto Junior	24.000	000		Emprestimos Hypothecarios m/c
	Harris Bank n/c				Pago a Coriolano das Neves, emprestimo a 12 % ao ano, amortizavel por prestações mensais
	Saques á/v $\frac{SP}{E}$ 1/8	129.697	130		Emprestimos Garantidos, S. Paulo
	L. 4523-4—9 a 8ª . . .	16.000	000		Julio da Cunha, cheque 61.
	R. Gonçalves & C.ª				Premios
	Cheque n. 2 K. emitido hoje	2556.845	8600		Estampilhas de DL/SP 2 e dos certificados C 3/5
		2556.845	8600		28
					500
					31.728
					500
					2.525.117
					6100
					2.556.845
					8600

(Continua)

Horacio Berlinck

SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

Nuno de Santa Maria ⁽¹⁾ alto português
em doce santidade e em rija intrepidez;

e ainda outros de igual valor ⁽²⁾,—que Portugal
é pequeno em tamanho e grande no Ideal!

E a *arquitectura!* altos castelos de disputa
com bastiões em cravação de rocha bruta!

Convento de Alcobaça em gótico primevo;
e o *Monumento da Batalha* com enlêvo,

em lindo gótico florido, d'onde brota
a galhardia pertinaz de Aljubarrota;

onde há a *sala-do-capítulo*, uma sala
que um grande arrôjo architectónico assinala;

onde *Domingues*, architecto português,
mostrou, ceguinho, muita sciência e intrepidez.

E a *Torre de Belém!* *Jerónimos!* *Tomar!*
com gestos grandes, emprestados pelo mar,

com coruchéus, com readilhado muito fino,
mostrando ao mundo o nosso *estilo manuelino!*

—estilo que retrata a náutica de outrora,
original, apenas nosso, que afervora

a nossa terra, a nossa gente, em possuí-lo
(porque há nações que não possuem um estilo!)

Mafra que é colossal ⁽³⁾! *Basílica da Estrêla!*
tudo grande paixão artistica revela!

E tantos *múscos*, que temos, e *esultores*,
e *scientistas* e *arquitectos* e *pintores*,

porque tu és, ó meu querido Portugal,
pequeno no tamanho e grande no Ideal! ⁽⁴⁾

Meu Portugal do coração, que és tão bonito,
com beijos do oceano e clarões do Infinito,

que és o melhor país do mundo certamente,
só porque és nosso e em ti se luta, canta e sente...

pequeno, porque «*Deus te fez com a intenção
de caberes inteiro em nosso coração*», ⁽⁵⁾

pequeno, porque Deus em seu saber profundo
quis ajuntar em ti o pouco amor do mundo;

(depois... *pequeno ou grande...* tudo se intimida
na alta balança da Incerteza desta vida...)

nós te honraremos, Portugal, sempre á porfia,
pondo no peito, lado a lado, em harmonia,

o lírio cândido da nossa tradição
e um cravo rúbido, que é força, é vida, é pão.

um cravo rúbido de aspérrimo trabalho,
que enflora a sciência e a gleba e faz vibrar o malho;

nós te honraremos, Portugal, mantendo «a fé,
que move os montes», para altivos ir até

ao ceu, bem alto, onde, em fortíssimos acenos,
em vérgas de galeões, os pilotos morenos

palpitavam outrora ao encanto floral
de um nome a dar a volta ao mundo: — Portugal!...

«*Leão-do-mar*», Portugal,
meu *canteiro* sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma *aúddia* que vai bem... ;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, *bemdito*,
desde a Terra ao Infinito,
para sempre, sempre; amen!...

(Conclusão)

Marques da Cruz.

(1) Frei Nuno de Santa Maria, nome que D. Nuno Alvares
Pereira tomou no convento, no fim da vida.

(2) Como Santa Joana, amorosa, filha de Afonso V,
beatificada por Inocência XII, em 1693; as freiras cheias de
virtudes, isto é, as Santas Infantas D. Mafalda, D. Sancha e D.
Teresa irmãs do rei Afonso II. Houve dois papas portugueses:
João XXI (Pedro Julião, de Lisboa), e S. Damaso (de Guimaraes).

(3) Monumento grandioso, devido á prodigalidade de D
João V. O seu estilo é *baroco* segundo alguns, ou *neo-clássico*
segundo opinião melhor.

(4) Apresento aqui uma breve resenha das nossas obras
de arte e dos maiores expoentes na pintura, escultura, etc.:

ARQUITECTURA: *templo de Diana*, em Evora, em
estilo romano, com colunas corintias caneladas, de granito, e
capiteis de mármore. *Castelos* de Sintra, Almoural, O'bidos, Lei-
ria, Trancoso, Montemor, Chaves, Santarém, etc., etc. *Convento
de Alcobaça*, em gótico florido, onde a volta a *sala-do-capítulo*,
construída por Afonso Domingues, architecto cego, de grande
valor. O Irlandês David Ouguet fôla, mas caiu. Afonso Domín-
gues, porém, levantou-a de novo já cego, e (diz a tradição) ficou
3 dias em jejum, sob a abóbada, findos os quais foi encontrado
morto de fraqueza. *Torre de Belem, Jerónimos, Convento de To-
mar, Santa Cruz de Coimbra, Bussaco*, em estilo manuelino. Sobre o
Hotel de Bussaco escreveu Carl Robertson, jornalista norte-ame-
ricano, em 1927: «Um imenso átrio de residência rial, uma
sala de jantar igualmente bela com obras de talha e frescos
dignos do Louvre ou Versailles. Uma maravilha! Haverá algu-
res hotel melhor, mas nunca o vi, nem dêle ouvi falar. Escre-
vendo sobre o Bussaco, espargi superlativos insufficientes apesar
de tudo. No estilo manuelino do século XVI é imponente como
uma catedral. *Sé do Porto, Sé Velha de Coimbra, Sé de Braga,
Sé de Evora* em estilo românico. *Santa Clara a Velha* em estilo
românico-gótico. *Panteon de São Marcos*, (junto a Coimbra), em
renascença pura. *Igreja da Graça* em Evora e *Igreja da Senhora
da Conceição* em Tomar, em renascença clássica. *Sé Nova e Santa
Clara* (em Coimbra), em estilo jesuitico. *Convento de Mafra e
Basílica da Estrêla*, em estilo neo-clássico.

ARQUITECTOS: Afonso Domingues (Batalha); os *Arru-
das* (Torre de Belém); os *Castilhos* (Jerónimos e Tomar); *Marcos
Pires* (capela da Universidade e Claustro do Silêncio de Santa
Cruz); *Ruão* pai e filho (Sé Velha e outras obras de Coimbra);
Baltasar Alvares (Santo Antão de Lisboa; fez o risco para S.
Bento de Coimbra e para o Convento de S. Bento de Lisboa);
Pedro Nunes Tinoco (architecto de S. Vicente desde a morte de

Baltasar Alvares); *João Antunes* architecto de D. Pedro II (dirigi a construção de Santa Engrácia de Lisboa); *Mateus de Couto* (architecto do convento das Francesinhas de Lisboa); *Manuel da Maia* (engenheiro-mor no tempo de D. José, encarregado em 1756 da planta de Lisboa); *Engénio dos Santos* (fez o Arsenal, Praça do Comércio, etc.); *Mateus Vicente* trabalhou em Queluz, fez Santo Antonio da Sé e Basílica da Estréla); *Costa e Silva* (fez o teatro de S. Carlos, o palácio de Runa e o plano do Palácio da Ajuda); *Reinaldo Manuel* (fez os pedestais da estátua equestre, a Igreja dos Mártires, e acabou a Basílica da Estréla); *José Luis Monteiro* (decano dos architectos. E' o actual Director da E. de Belas Artes).

(5) Pina de Morais no seu livro «Ao Parapeito» conta que um capitão português, dando uma aula de geografia numa aldeia franceza, para ensinar o que era Portugal, apresentou esta frase graciosamente poética, que, *data venia*, aqui transcrevo.

PINTORES: *Nuno Gonçalves* (o pintor da «inclita geração»); *Grão Vasco* (o genial pintor de Vizeu e Lamego); *Antonio de Holanda* (o maior illuminador); *Gregório Lopes* (pintor na corte de D. Manuel); *Cristovam Lopes* (pintor do retrato de D. João III); *Fernão Gomes* (pintor do retrato de Camões); *Sancho Coelho* (que a Espanha nos disputa); *Josefa de O'vidos* (autora de muitos quadros); *Vieira lusitano* (poeta e pintor); *Sequeira* (pintor dos contrastes, grande desenhador); *Anunciação, Silva Porto, Malhoa*, o grande *Columbano, Carlos Reis, João Reis, Roque Gameiro* (aguarrelista); *Antonio Carneiro, Sousa Pinto, Luciano Freire, Constantino Fernandes, Sousa Lopes* (pintor e agua-fortista da Guerra), e outros.

ESCULTORES: *José de Almeida* (émulo de Giústi); *Felix Vicente; Antonio Ferreira* (barrista); *Machado de Castro; Soares dos Reis; Teixeira Lopes; Fernando Santos; Bordalo Pinheiro* (barrista); *Costa Mota; Moreira Rato; Ernesto do Canto*, e outros. Grande lavrante de ourivesaria—*Gil Vicente*. Os nossos artistas de ourivesaria e prataria ainda hoje assombra o mundo pelo finissimo labor dos rendilhados.

MÚSICOS: *Garcia de Resende* (compositor e poeta); *Duarte Lobo* (o mais genial polifonista compositor); *Marcos Portugal* (de altissimo valor); *Augusto Machado; Alfredo Keil* (o grande autor da «Serrana», «D. Branca», etc.); *Lambertini; David de Sousa; Artur Napoleão; Vianna da Mota; Rey Colaço; João Arvoiz* (o grande autor dos Poemas sinfonicos); *Freitas Branco; Ruy Coelho; Oscar da Silva; Luis Costa; Fernandes Fão; Tomás de Lima; Cláudio Carneiro; Ivo Cruz; Lima Fragoso; Raimundo de Macedo*, e outros.

SCIENTISTAS: *Pedro Nunes* (inventos de nónio e não Vernier, como dizem os francezes); *Alvaro de Fonseca e Guilherme de Gouveia* (o moço) reitores da Universidade de Paris (então, Universidade do mundo); *Diogo de Gouveia* (o velho) fundador do Collegio de Santa Barbara em Paris; *André de Gouveia*, mestre de Rebelais e Montaigne, director do Collegio da Guyanna, em Bordéus; *André de Resende* professor em Lovaina; *Francisco Sancho* lente em Tolosa e Montpellier; *Garcia da Orta* (na medicina); *Bartolomeu de Gusmão* (inventor dos aérostatos, e não os irmãos Montgolfier, como dizem os francezes; os brasileiros consideram-no brasileiro, porque nasceu em Santos, quando o Brasil era colónia de Portugal); *Spinoza* (o grande filosofo que nasceu na Holanda, oriundo de pais portuguezes); *Carlos Ribeiro* (na Geologia); *Ferraz de Macedo* (na Antropologia); *Manuel Pimentel, Ruy Faleiro, Vaz Douvado* e outros (na Cosmografia); *Brotero* (na Botânica); *Ferreira da Silva* (na Química); *Gomes Teixeira* (na Matemática); *Aires de Ornelas*, o mais extraordinario repentista-calculista do mundo actual); *Padre Himalaia* (autor do *Pirelióforo* e da *himalaite*); *Souza Monteiro* (na Medicina); *João das Regras, Lobão, Visconde de Seabra*, (na jurisprudência); *Egas Muniz* (de fama mundial, na medicina, descobridor do processo de localizar os tumores cerebrais), e outros.

EXCERTO DE SAMUEL SMILES

A maneira por que um homem é governado pode não ter importancia por aí alem, emquanto que tudo parece depender da maneira por que se governa a si mesmo.

O mais miseravel escravo não é, com efeito, aquele que se encontra submetido aos caprichos de um senhor, por maior que esse mal possa ser e é de facto: o escravo mais digno de compaixão é aquele que tem por tirano os seus proprios vicios, o seu egoismo, a sua ignorancia.

A emancipação das nações em cujo coração impéra tal especie de escravidão não seria nunca alcan-

çada com uma simples mudança de chefes ou de instituições, e emquanto perdurar a crença errada e falsa de que a liberdade está dependente da forma de governo, as revoluções, seja qual fôr o aspecto que revistam, carecerão absolutamente de valor e não produzirão resultados mais duradouros que uma simples mudança de quadro numa fantasmagoria qualquer.

A liberdade não pode ter solidos fundamentos desde que estes se não chamem A FORÇA E A PUREZA DOS CARACTERES INDIVIDUAIS, e é tambem nesta força e nesta pureza de caracteres que se encontra a mais segura garantia do descaço publico e do progresso nacional.

John Stuart Mill observa com muita razão que o proprio despotismo não conseguiria produzir os seus mais perniciosos efeitos desde que não tivesse podido destruir a natureza dos caracteres individuais, afirmando outrosim que tudo quanto tende ao esmagamento da individualidade é despotismo, seja qual fôr a autoridade que ela procure implantar: a de Deus ou a dos homens.

LUIZ LEITÃO.

A «elite» cria, a plebe destroe.

((Gustave Le Bon))

A luz é o encanto dos olhos, a graça o encanto das almas.

Quem não sabe perdoar não sabe amar.

Graça, mercê, favor

Fazer uma graça é acto de benevolencia gratuita.—Fazer uma mercê é acto de benevolencia recomendada e talvez prescripta pela justiça.—Fazer um favor é acto de benevolencia affectuosa que distingue e prefere a pessoa favorecida. A graça exclue o rigoroso direito; mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A mercê supõe direito, proporção-se ao merecimento, e talvez é uma justa e devida recompensa. O favor não atende nem ao direito nem á dignidade, não ao merito; regula-se tão somente pela inclinação pessoal, aconselha-se com os affectos do coração.

A bondade, a beneficencia, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das graças. A justiça benevola, e talvez liberal e generosa, regula as merces. A amizade, e afeição apaixonada, o empenho, que se interessa na satisfação e felicidade d'algum, faz ou concede favores.

O principe faz graças e mercês; o magistrado, o homem publico não deve fazer favores nas coisas do seu officio.—O principe deve haver-se, na distribuição das graças e mercês, com largueza, mas com medida. As graças, que são inspiradas pela clemencia, devem ser mais raras; porque podem promover o desprêso das leis, por meio de impunidade. As mercês, nimiamente vulgarisadas, ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as gradações sociais, e por fim perdem o valor, empobrecem o Estado.

D. Francisco de S. Luiz

NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

Teatro Sá da Bandeira

COMPANHIA

Rafaela Haro

Após uma curta temporada no Teatro S. João, estreou-se naquela elegante casa de espectáculos, tão preferida do nosso Público, a excelente Companhia Lírica Espanhola de Zarzuela e Género Chico, de Rafaela Haro.

Despediu-se neste teatro, com um soberbo espectáculo, composto da representação da soberba zarzuela de Henrique Garcia e Antonio Paso, em 2 actos e 4 quadros «El niño judío», e de um variado acto de concerto.

Porque aquela peça era nova para o Pôrto, vou relatar, embora palidamente, as minhas impressões sobre essa ultima récita, que resultou brilhante.

A partitura de «El niño judío», obra lírica de renome, talhada em moldes da mais transcendente originalidade, é devida á fecunda inspiração do notável compositor Pablo Luna, que tão grande popularidade disfructa adentro e fóra das fronteiras do seu País, mercê dos grandes exitos alcançados pelos seus anteriores trabalhos, como sejam: «Cadetes de la Reina», «Assombro de Damasco», «Molinos de Viento», «Benamor», etc.

A acção decorre em Madrid, Jerusalem e India; o entrecho da peça gira á volta das pesquisas feitas por um altarrabista de Madrid, para encontrar um judeu milionario, que ele entende ser o sógro da sua filha.

Mas o velho Crésus, repele o pretenso filho, pois afirma, sêr o fructo dum opróbrio.

Depois o livreiro, a filha e o genro, vão á India em busca dum rajáh, que julgam egualmente sêr o pae verdadeiro. São obrigados a exhibirem-se deante dele em vários números de canto e baile, e por fim parece serem condenados a qualquer pena.

Está claro que tudo isto serve de pretexto para duas horas de franca gargalhada, pois a peça está recheada de ditos felizes e ao mesmo tempo, das mais desopilantes situações cómicas.

O desempenho é muito homogéneo, sendo todos os artistas dignos dos maiores aplausos.

Rafaela Haro, brilhou sobremaneira na *Cancion Nacional* que interpreta junto do rajáh, com o clássico e característico *manton de Manila rojo*, alta *peineta* e dedilhando um violão.

A distintissima artista, consagrada pelos Publicos e pela Imprensa, estrela indiscutivel do teatro espanhol, pelos multiplos recursos que entesoura como actriz e *tiplé*, fez vibrar a plateia nessa inspirada canção em que o glorioso *maestro* Luna, sintetisa todo o sentimento e toda a alacridade da inconfundivel pátria de Gallito e da Bela Otero!

Maria Asensio, fez com desenvoltura e graciosidade a escrava.

Arturo Liedó, compôs um belo tipo a que imprimiu todo o grotesco isento de exageros, o que hoje é raro vêr-se.

Angel Redondo, que tem a seu cargo em «El niño judío», o protagonista, mostra que estudou todos os pequenos pormenores da sua personagem, a que transmite a mais sóbria comicidade.

E' digno de menção pela sua graça imprevista, o dueto cómico em *travesti*, desempenhado por estes dois actores, deante do rajáh, no 3.º quadro.

José Marin, cantou com escola a soberba *romanza* do 2.º quadro de «El niño judío», que foi muito applaudida.

A peça foi montada com toda a propriedade, sendo os scenários e guarda-roupa adequados.

Findou este interessante espectáculo com um escolhido acto de concerto.

Rafaela Haro, envergando o regional traje aragonez, desceu á ribalta a cantar a *jota* da «Rabalera» e egualmente «Justicia de Baturra», o que fez por uma forma sentida, como só ela sabe interpretar os cantares do seu País, chorando ou rindo, com um significativo deslumbamento de verdade que emociona, e nos enche o espirito de vivificante luz d'amor e candura.

O tenorino José Fernandez, no côro dos repatriados dos «Gigantes e Cabezudos», conseguiu aquecer a plateia, que o premiou com muitos aplausos.

Matilde Martin e aquele mesmo artista, no duo dos «Bohemios», agradaram sem reservas.

Para fecho tivemos o côro geral do *paso-doble* da zarzuela «El Pobre Valbuena», ostentando as *tiplés* os vistosissimos *mantones* d'uma policromia bizarra e cantando com garbo toureiro, alegria comunicativa e vivacidade estusiante, a preciosa musica de Valverde (hijo) e Torregrosa, a que imprimiram o *salero* mais castiço e mais sevilhano, que se pode imaginar!...

Como o seu reportório é muito variado, esta Companhia tem-nos dado todas as noites zarzuelas diferentes, tornando deste modo atraentes os seus espectáculos, que tem sido muito frequentados pelo Público, que não vae só ao Teatro para passar as noites, mas tambem para ver fazer Arte e educar o espirito.

D. Fernando Castillo, o *empresario gentleman*, deve estar plenamente satisfeito com o exito alcançado pela sua Companhia em terras portuguezas.

Pêna é que conforme nos deu a velha e sempre linda zarzuela «El Rey que rabió», do imortal *maestra* Chapi, não nos tenha feito resurgir dos velhos arquivos do teatro espanhol, outras zarzuelas *genero gordo* de renome como sejam: «Campanone», «Las dos Princesas», «La Tempestad», «La Bruja», etc.

Teriam ensejo de melhor poderem sobresaír os excelentes elementos, tanto cantantes como coraes, da sua bem constituida Companhia.

RECITAL DE ARTE

O ilustre *maestro* Luiz Gomes que tão assinalados exitos obteve durante alguns anos, á frente da orquestra da antiga Companhia Armando de Vasconcelos, após uma *tournee* artistica pelo estrangeiro, em companhia da distinta soprano lirico D. Beatriz Baptista, realisou no Salão do Centro Musical (á Galeria de Paris), um interessante recital, em que foram ouvidos através da cristalina garganta daquela cantora, alguns *lieders* da sua auctoría.

A composição musical «Longe e Perto», versos de José Augusto de Castro, mereceu a Luiz Gomes um cuidado especial. E' uma página musical vibrante e por vezes sentida.

D. Beatriz Baptista, dispondo dum timbre harmonioso de voz, suave e firme em todos os registos, clara articulação, e sentimento expressivo, ouviu muitos aplausos, espontaneamente carinhosos, no fim de todos os números do selecto programa.

O Vegetariano

Revista Ilustrada de Higiene e Agricultura

Tem **vinte e um** anos de existencia na propaganda da alimentação racional e tratam entos naturais

Inserer secções de culinaria dietética, consultas *gratis* e agronomia prática

Variada colaboração scientifica e literária

Tem produzido milhares de *auto-curas* pela *Natureza* e oferece *grátis* um trimestre

de assinatura a quem enviar o endereço bem legível a

O VEGETARIANO
LARGO DOS LOIOS, 50

Porto

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

Empreza ANTONIO CASTRO

GRANDE COMPANHIA DE ZARZUELA

RAFAELA HARO

A mais completa organização artistica que tem vindo a Portugal

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1084

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efsio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfectissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções,"

Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

Águia d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 14 pofessoes sob a direcção do *maestro* HORACIO BORGES

Odeon «Cine-Teatro»

Empreza A. da Silva Marta—Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

Sempre fitas novas

VARIEDADES

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

às terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restaurant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O **AVIARIO**